

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

RAQUEL PAULA DUARTE DE SOUZA
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa - História e memória das comunidades de Manguinhos

Entrevistada –Raquel Paula Duarte de Souza

Entrevistadores – Fábio de Souza (FS) e Michele Soares (MS)

Data – 12/05/2005

Local – Rio de Janeiro/RJ

Duração – 15min

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

SOUZA, Raquel Paula Duarte de. *Raquel Paula Duarte de Souza. Entrevista de história oral concedida ao projeto História e memória das comunidades de Manguinhos*, 2005. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 7p.

Data: 12/05/2005

Fita 1 – Lado A

FS – Agora entrevista com Raquel. Qual o seu nome todo, Raquel?

RS – Raquel Paula Duarte de Souza.

FS – Raquel Paula Duarte de Souza. Raquel, é aquilo que a gente já tinha conversado, sobre a comunidade, sobre a história da comunidade, o que você puder falar desde que você nasceu aqui, o que você conhece, os acontecimentos que mais marcaram sua vida... Fala um pouco pra gente das histórias (*falam ao mesmo tempo*).

RS – Assim, que eu lembro, assim, acho que eu tinha uns 14 ‘ano’... (*interrupção na gravação*). Assim, que eu lembro, foi quando foi feito o “brizolão”, que é a inauguração da Casa Comunitária, o campo, e o asfaltamento da rua, que eu lembro, assim, da ponte...

FS – Você lembra mais ou menos em que ano foi isso?

RS – Eu ‘tava’ com 14 anos, agora ‘to’ com 32, então, dá... 17 anos... (*rindo*) (*pausa na gravação*) É, 85-86 que foi, que fez a Casa Comunitária, o “brizolão”...

FS – Que asfaltou aqui, ou foi antes?

RS – Acho que foi tudo, a bem dizer, no...

FS – No mesmo ano?

RS – É.

FS – Tudo junto, né?

RS – É.

FS – Foi um projeto de urbanismo, né?

RS – É. (*pausa na gravação*)

MS – (*Ela era?*) de quem?

AS – De um português de Portugal. A dona dela chama Maria, chama Maria. Mora lá no... acho que ‘tava’ morando... Agora ‘diz’ que ela se mudou, não sei se mudou. Ela ‘tava’ morando lá perto da igreja, onde tem aquela portaria, no... parece que é entrada de carro, entrada de caminhão, não sei. Antigamente era galinheiro, né? Um tal de ‘seu’ Sílvio (*mora lá?*).

FS – Mas a senhora comprou, então, quando?

AS – Quando?

MS – Quando comprou (*falam ao mesmo tempo*).

FS – Essa aqui do lado.

AS – Foi agora, há pouco, pouco tempo.

FS – Foi há pouco tempo?

AS – Foi.

FS – Antes era dessa senhora que a senhora está falando?

AS – Era dela, né?

FS – Era dela.

MS – Ninguém utilizava essa casa?

AS – Hein?

MS – A senhora não sabe quem utilizava essa casa, se já foi utilizada, se alguém morou?

AS - Antigamente?

MS – É.

AS – Quem morava aqui?

MS – É.

AS – Quem morava aqui era um pessoal que mora aí nos (?), dona (*Neza?*), dona (*Neza?*). Ele ‘mudaro’ pra os (?), de forma que o pessoal ‘morreram’ quase ‘tudo’, né, aí ficou a dona (*Neza?*) com os ‘filho’ dela. Dona (*Neza?*) mora com os ‘filho’ dela. E o português (?) muito doente, ele foi pra o hospital, aí, ‘diz’ que o filho dele lá levou ele pra Portugal, muito doente.

FS – Obrigado, dona Alzira. (*pausa na gravação*)

RS – Foi no mesmo (*ano?*) a Casa Comunitária, o “brizolão”, o campo, o asfaltamento, e depois fez a ponte, né, por último ele fez a ponte. Mas eu já nem sei se foi no governo dele.

FS – Mas aí você comprou a casa há pouco tempo? Vocês compraram a casa e alugaram?

RS – Foi em novembro.

FS – Em novembro?

RS – Em novembro.

FS – Antes ela pertencia a quem?

RS – A um senhor, que era um português, e a uma senhora. Aí, tanto que agora ela tem um balcão lá embaixo, né? O marido dela morreu e tudo.

FS – Nós passamos aqui há pouco tempo. Ela era amarela, né, (?) vocês pintaram?

RS – Isso, ela era amarela.

FS – E tem alguma história dela, coisas...?

RS – (?) que eu saiba, assim, (?) morava uma família... Era só família que morava ali: era a mãe, as 'filha', os 'marido' e os 'neto', assim, que eu saiba.

FS – É? (?) o Brizola, ele fez essa obra aqui, asfaltou e tal, ele mandou fechar as entradas de uma rua para outra, fechar? Eu digo é entre as casas, não tinha, bequinhos?

RS – Tinha, mas isso aí não foi na época dele, não.

FS – Foi há pouco tempo?

RS – Foi, foi quando 'tirou' as 'casa', tem 7 anos, 8 anos, mais ou menos, (*falam ao mesmo tempo*).

FS – Aí, fecharam os becos?

RS – Aí, 'os' pessoal que construiu a casa atrás, né, na outra pista, aí, a bem dizer fechou, mas não foi na época (*do Brizola?*), não.

FS – Não?

RS – Não.

FS – Raquel, se você pudesse falar de um fato que te marcou aqui... desde que você mora aqui, uma coisa que identifique você com esse lugar...

RS – (*Não sei, não?*), tanta coisa já passou (*rindo*).

FS – Tinha história de... Como é que é morar aqui? É violento, é calmo, como é que é?

RS – Não, as (?), assim, que a gente gostava mais, que tinha quadrilha, a gente fazia arraial, sabe, agora (?). Ano passado até a gente fez, agora, esse ano, a gente vai começar a fazer de novo, entendeu? Pelo menos pra (?) um pouco a comunidade (*muito barulho de vozes*), né? É isso.

FS – Então, tá calmo morar aqui? Eu (*peguei uma entrevista?*) (??) de que era mais violento aqui.

RS – Ah, era, né, antes de ter o Mandela 2, aquele Mandela de Pedra, que, no caso, só existia a Varginha e ‘tava’ começando Mandela 1.

FS – Ah, isso foi... foi essa intervenção do Brizola que acabou com a violência aqui ou não?

RS – Sabe que eu nem sei? É, eu acho que não, não foi nada disso, não, que... isso é momento, né? Tem lugar que, às vezes, você vê que é tanta violência que falam, é assalto em rua, é isso, é... (?) vê, parou, aí, já passa pra um outro lugar. Eu acho que isso é momento, não tem nada a ver, não.

FS – A história dessa casa aí, de que alguém de facção criminosa tinha ocupado, esse tipo de coisa, ouviu falar disso?

RS – Não, eu sei que a família que morava ali que tinha gente envolvida, assim, mas nada de mais, assim, que eu saiba, não. É isso (?).

FS – Tá bom, tá bom. Obrigado, Raquel, valeu.

RS – Pelo ‘meno’ é a única casa (?) que é antiga que tem é essa.

FS – Das antigas?

RS – (?) ‘antiga’ que tem é essa.

FS – Obrigado. (*interrupção na fita*)

[FINAL DO DEPOIMENTO]*

* A Fita 1 não foi gravada integralmente (aproximadamente 15 minutos).